ÊTRE ET AVOIR / 2002

(Ser e Ter)

um filme de Nicolas Philibert

Realização: Nicolas Philibert / **Direcção de Fotografia**: Laurent Didier, Katell Djian, Hugues Gemignani e Nicolas Philibert / **Música**: Philippe Hersant / **Som**: Julien Cloquet / **Montagem**: Nicolas Philibert / **Com**: Georges Lopez.

Produção: Canal + – Centre National de Documentation Pédagogique – CNC – Gimages 4 – Les Films d'Ici – Maia Films – ARTE / **Direcção de Produção**: Isahelle Pailley Sandoz / **Cópia**: dcp, colorida, falada em francês com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português, 104 minutos / **Estreia em Portugal**: El Corte Inglês, a 22 de Janeiro de 2004.



Amy Taubin, célebre crítica americana, resumiu assim na *Film Comment* o "segredo" de **Être et Avoir**: *"o que faz dele um documentário tão pouco comum é a maneira como usa elementos expressivos para evocar uma experiência da infância que estimula a memória e desperta, numa audiência de adultos, uma esperança há muito esquecida".* É uma fórmula, sintética e justíssima, de tocar o que há de mais essencial no filme de Nicolas Philibert, filme que aparentemente é sobre uma escola, sobre um professor, sobre um grupo de miúdos, sobre uma terreola na província francesa, mas que no fundo se serve de todos esses elementos para chegar a uma interpelação (mais em poesia do que em prosa, para repescar outra passagem de Amy Taubin) da infância enquanto a mais "passageira" das idades humanas: "ser e ter", ou mais justamente, "deixar de ser" e "deixar de ter".

Nicolas Philibert é hoje um dos mais conceituados documentaristas franceses. As suas longas-metragens anteriores (**La Ville Louvre**, sobre os bastidores do museu; **Le Pays des Sourds**, sobre... surdos; e **La Moindre des Choses**, sobre um grupo teatral formado por pacientes de um instituto psiquiátrico) estabeleceram uma reputação que se consolidou com **Être et Avoir**. Que, para mais, foi um enorme sucesso comercial em França, proeza raríssima para um documentário. Aliás, esse êxito do filme trouxe alguns problemas a Philibert, já que o professor Georges Lopez, em tomo de quem o filme se centra, moveu um processo judicial

com vista a receber uma parte dos lucros (250 000 euros, exigiu), numa questão que envolve aspectos que tocam directamente na própria natureza do "cinema documental". Mas Lopez, de resto, tomou-se uma pequena celebridade em França, e passou, depois da estreia do filme, a ser regularmente convidado para conferências e palestras sobre educação e ensino um pouco por todo o lado.

Philibert escolheu Lopez e a sua escola – numa aldeia na região de Auvergne – depois de ter estudado trezentas hipóteses de localização. Entre um Inverno e o princípio do Verão seguinte filmou mais de 60 horas de material, acompanhando o ano lectivo depois "esculpiu" esse material até chegar a um filme com uma construção inteligentíssima e elegantíssima, que "restitui" o próprio vagar do tempo. Repare-se no primeiro plano da sala de aula, e nas tartarugas que se passeiam pelo chão, no que é quase um anúncio irónico da importância que o tempo tem em **Être et Avoir**. Aliás, a sinalização das estações do ano (dos planos invernais do princípio aos planos solarengos do final) é uma das suas formas de pontuação preferidas, utilizada até como efeito dramático.

Essa sinalização também parece criar um efeito de continuidade, como se o filme captasse um dado período de um "fluxo de vida" sem princípio nem fim – o tema da "passagem" é assim lançado: nas sequências finais, quando os alunos mais velhos se despedem daquela escola e daquele professor porque vão (alguns deles, pelo menos) continuar os estudos noutro lado, são a expressão de uma consciência serena e levemente dorida (o fabuloso olhar do professor, no último plano) de que tudo é uma passagem constante, de que viver é deixar coisas para trás (e a infância é a primeira dessas coisas). Noutra sequência, quando o professor evoca os anos que já leva naquela escola e fala do tempo em que deixará de lá estar, sente-se no olhar dos miúdos que eles estão, pela primeira vez nas suas vidas, a intuir uma noção palpável do que é o "tempo", do que é o "estar" e o "deixar de estar" (ou o "ser" e o "deixar de ser"). E talvez seja nesses planos que melhor se vê, no rosto dos míudos, aquilo a que alguém chamou a sua condição de "fantasmas do futuro", lembranças prematuras dos adultos que um dia virão a ser.

Para lá deste olhar, há outras questões extremamente interessantes. Por que é que, logo no princípio, a primeira cena filmada por Philibert com os miúdos em plena aula mostra um exercício de caligrafia da palavra "maman"? Por que é que só as mães é que aparecem na escola e é a elas que normalmente está votada a tarefa de ajudar os filhos com os trabalhos de casa, enquanto os pais estão sempre ausentes, a trabalhar no campo, ou doentes (atenção à cena com o magnífico diálogo entre o professor e um miúdo cujo pai foi operado para remoção da laringe)? Num certo sentido, apesar de o professor representar, dentro do filme, uma espécie de idealização da paternidade (e ser efectivamente um substituto do pai, de todos os pais), dir-se-ia que Philibert concebe o espaço da escola como algo directamente ligado à figura maternal – e se nos sentimos, nós espectadores, tão bem naquela escola, será por Philibert a encenar como uma evocação mais ou menos regressiva, mais ou menos contígua ao calor do conforto uterino?

Nessa abrangência do olhar de **Être et Avoir**, que envolve as mães e os pais (estejam presentes ou ausentes), desenha-se também um retrato comunitário, real ou idealizado. Provavelmente idealizado: do sentido comunitário criado/retratado por Philibert desprende-se uma harmonia encantatória (e "encantada", também) como se calhar só existe em fábulas e em ficções. Talvez por isso, às tantas damos por nós a olhar para o professor como se ele fosse uma reencarnação do Walter Pidgeon de **How Green Was My Valley**, ou do Joel McCrea de **Stars in My Crown**: como esses filmes, **Être et Avoir** é um pequeno milagre de idealismo, capaz de não simplesmente reconstruir uma memória, mas sobretudo de a reavivar num tempo presente tocado, já, pela sua própria nostalgia.

Luís Miguel Oliveira